



## **A ORALIDADE COMO MEDIAÇÃO - OBSERVAÇÕES SOBRE O IMAGINÁRIO POPULAR DA LAGOA ENCANTADA, ILHÉUS/BAHIA**

**Eliana C. P. Tenório de Albuquerque<sup>\*</sup>;**

**Betânia Maria Vilas Bôas Barreto<sup>\*\*</sup>;**

**Anaelson Leandro de Sousa<sup>\*\*\*</sup>;**

**Marlúcia Mendes da Rocha<sup>\*\*\*\*</sup>**

**Alene da Silva Lins<sup>\*\*\*\*\*</sup>**

### **INTRODUÇÃO**

O estudo das múltiplas formas de comunicação utilizadas pelo homem, passa pelo entendimento a respeito da utilização dos diversos meios comunicacionais, que transformaram a idéia da troca de informação e conhecimento dentro da sociedade. Hoje, não se pode pensar nessas trocas sem lembrar de veículos como o rádio, a TV, os jornais impressos, cinema, livros, internet, entre outros. Mas, antes do advento de todos estes meios, um dispositivo comunicativo foi – e ainda é - amplamente utilizado, norteando a perpetuação de diversos aspectos culturais nas mais variadas sociedades do planeta: a oralidade.

Utilizada desde antes do aparecimento da escrita, a oralidade – entendendo-se aí como função do aparelho fonador em direção ao ouvido humano - foi a primeira metodologia comunicacional usada para contato não gestual entre os indivíduos e envolve, segundo Vanoye, três aspectos: o fisiológico, determinado pela capacidade auditiva do receptor; o psicolinguístico, relacionado à capacidade de compreender e sistematizar os componentes (semânticos, gramaticais, simbólicos ou estilístico) de uma mensagem e o aspecto psicológico, determinado pela capacidade de atenção e personalidade do receptor.

---

\* Jornalista, mestranda em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pelo PRODEMA/UDESC e professora do Curso de Comunicação Social da UDESC;

\* \*Jornalista, mestranda em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pelo PRODEMA/UDESC e professora do Curso de Comunicação Social da UDESC;

\*\*\* Jornalista, mestrando em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pelo PRODEMA/UDESC e professor do Curso de Comunicação Social da UDESC

\*\*\*\* Prof. Ms, coordenadora do colegiado do Curso de Comunicação Social da UDESC

\*\*\*\*\* Jornalista, mestranda em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pelo PRODEMA/UDESC



Assim, a comunicação oral sempre esteve intimamente relacionada com a transformação da sociedade e a propagação de idéias, uma vez que o homem tenta entender seu contexto social e ser entendido dentro dele através da inter-relação com seus semelhantes.

Para Sodré (1988, p.11-12), não há sociedade, mesmo as mais arcaicas, onde não exista um sistema de comunicação – ou de circulação de informações - baseado em um código comum. Para ele, “todo agrupamento humano só se torna possível mediante uma coerência interna – a cultura - que é também sua estrutura”. Toda cultura é, portanto, “uma estrutura de comunicação, que só é compreendida através da decifração do seu código”, que tem duas faces: a implícita (regras formais da comunicação) e explícitas (de sentido sócio-antropo-etnográficos ou os ditos fenômenos culturais comuns).

Neiva Jr (1992, p.60) conceitua cultura como resultante de um processo de transmissão e aprendizagem relacionada também como herança social do homem.

Entendendo a oralidade como parte componente desta herança, Silva (1999, p.47-51) a define como código constituído de signos sonoros específicos que criam a sua própria sintaxe e exploram o tempo como recurso para perpetuar os conhecimentos na memória dos seus receptores. Apoiando-se em Paul Zumthor, a autora reconhece diferentes situações de oralidade que correspondem a cada situação comunicativa, classificando-as em: *oralidade primária* - caracterizada por sociedades baseadas na voz, que não tem nenhum contato com a escrita; *oralidade mista* - que coexiste com a escrita, tendo sua influência parcial e externa de feito lento; *oralidade secundária* - que se recompõem a partir da escrita; *oralidade mediatizada* - aquela realizada por meios auditivos e audiovisuais.

No contexto da sociedade atual, identificar uma comunidade baseada na oralidade primária torna-se difícil por conta da influência cultural mediatizada, que se dá de maneira global. Segundo Meditsch (2001, p.67), num contexto de tal complexidade, é grande a dificuldade de isolar e distinguir uma oralidade primária, que possa ter sobrevivido de forma combinada com a tradição escrita e as técnicas mais recentes de registros da linguagem e do pensamento, desenvolvidas pela eletrônica. Ainda assim, e conforme Payer,



“no Brasil a regulamentação da relação dos sujeitos com a língua (ou com as línguas) encontra recobrimentos ainda na (re)produção de uma dissensão, bastante marcada, da linguagem nos meios urbano e rural, enquanto lugares em que tanto a escola quanto a mídia estiveram menos ou mais presentes, resultando em diferenças na relação do sujeito com a escrita e a oralidade. Esta dissensão quase chega a recobrir a divisão entre a linguagem oral e a escrita, por um lado, e a linguagem popular e padrão, por outro, ficando imaginariamente a oralidade do lado do homem do campo e a escrita do lado da sociedade urbanizada.”

([http://www.geocities.com/gt\\_ad/onice1.htm](http://www.geocities.com/gt_ad/onice1.htm) . Acesso 16 de maio de 2003)

O objeto de estudo deste trabalho, baseado nesses pressupostos, analisa a ocorrência da oralidade como agente de mediação comunicacional-histórico-cultural e toma como referência a comunidade rural da Lagoa Encantada, que está inserida em uma área de proteção ambiental do município de Ilhéus, região sul da Bahia. Dispondo de um rico imaginário popular, as narrativas versam sobre seres fantásticos, que passaram a regular o uso e exploração dos recursos naturais. Este imaginário é tão marcante na cultura local, que terminou alterando a denominação oficial da Lagoa.

## **UMA LAGOA ENCANTADA**

Na década de 90, o Governo da Bahia implantou várias Áreas de Proteção Ambiental (APAs) no Estado, tendo como premissa básica “a compatibilização da atividade econômica e a ocupação do solo em consonância com a preservação ambiental”<sup>1</sup>. Uma dessas Unidades de Conservação - a da Lagoa Encantada - chama atenção não só pelo belo e imponente lago de águas doces existente no seu interior, mas, em particular, pelas histórias fantásticas que protagoniza e que vem ajudando a preservar a natureza e alimentar o imaginário popular há mais de 400 anos.

Situada há 34 quilômetros do centro da cidade de Ilhéus e há 20 quilômetros do seu litoral norte, a Lagoa Encantada teve seu nome original – Lagoa do Itaípe (do tupi, pedra chata) trocado oficialmente para Lagoa Encantada, depois de ser assim batizada popularmente, em especial por pescadores e nativos, que viam nas credices a explicação para

---

<sup>1</sup> Diagnóstico do Meio Físico, Biotico e Sócio-Econômico da APA – Lagoa Encantada, Prodetur, 1996, p.107

todos os fenômenos que ali ocorrem. Essa leitura fantástica assumiu proporções de verdade e atravessou gerações, formando o imaginário popular em vários povoados do município e contribuindo para estreitar cada vez a relação daquelas populações com a Lagoa (segundo eles, a mãe) e o rio Almada (o pai), que terminaram adquirindo um papel preponderante nas suas vidas.

Inserida no roteiro turístico estadual e considerada pelo Órgão Oficial de Turismo da Bahia – Bahiatursa, como um dos grandes potenciais ecoturísticos da região sul, a Lagoa Encantada influencia a vida de dezenas de lugarejos (distritos, vilas e povoados) que estão diretamente vinculados à sua dinâmica sócio-cultural-ambiental.

De acordo com Barbosa (1982, p.10-11), a Lagoa possui um espelho d'água de 15 quilômetros quadrados, recebe águas dos ribeirões Caldeiras, Lagoa Pequena, Serrapilheira, Inhambupe e Taquaril, além das águas do Rio Almada (ou Itaípe), que nasce na Serra dos Vinháticos e, após um percurso de 110 quilômetros, deságua em Ilhéus. Possui várias ilhas, cachoeiras, cascatas, extenso manguezal e área de Mata Atlântica, onde habitam várias espécies de animais silvestres. Rosário (1991, p.18), diz que a Lagoa Encantada é citada pela primeira vez na literatura através das anotações de viagem do historiador português Pero Vaz Gândavo, em 1570, que, tendo navegado até lá, relata a existência do peixe-boi e várias outras espécies em suas águas.

Outro registro sobre a Lagoa Encantada foi anotado por Filho (1982, p.16), que afirma ter ela estado intocada até 1610, quando ainda viviam nas suas margens os índios Aimorés. Segundo consta, a Lagoa foi ocupada primeiro pelos jesuítas, depois pelo fidalgo Gentil de Castro, que ali explorou minérios e pedras preciosas, seguido por outros imigrantes, que pretendiam formar fazendas de cana de açúcar. Os Aimorés, que não se submetiam aos jesuítas nem aos exploradores, terminaram sendo dizimados. Muitas fazendas foram estabelecidas nas proximidades da Lagoa, em meio às matas. Toda a produção era escoada pelo Rio Almada com destino a Ilhéus. A partir de 1822, com a chegada dos imigrantes alemães, a plantação de cana começou a dar lugar ao cacau. Foi época de coronéis, muitos jagunços e mortes. Mas a Lagoa conseguiu sobreviver. Seus moradores, orientados principalmente pela tradição, encaixam-se historicamente na definição de David Riesman, trabalhada por Sodré (1988,p.27-28), para quem nesse tipo de sociedade prevalece o laço físico de entendimento interindividual, consubstanciado no gestual e no oral.O controle social,



ai, tem bases familiares e a tradição é transmitida oralmente pelos mais velhos para consolidar nas gerações seguintes os valores culturais do grupo. São exemplos de sociedade desse tipo uma tribo africana, uma aldeia latino-americana ou uma vila de pescadores no interior brasileiro, entre outros, onde se encaixa perfeitamente o objeto do presente estudo.

## **O IMAGINÁRIO POPULAR**

Segundo Neto (2001,p.78), o imaginário pode ser entendido como fonte atuante da idéia e da representação mental da imagem. A energia que se formaliza é individual e coletiva, materializando-se em ações informadas por imagens e símbolos. O autor cita Castoriades para dizer que desvendar o imaginário significa revelar o substrato simbólico das ações concretas dos atores sociais tanto no tempo como no meio ambiente vivido. Isto é, a mediação é essencial entre o mundo exterior e interior, entre o real e o imaginário, supondo-se a utilização de símbolos, signos e alegorias que fazem parte da cultura popular que, conforme defendida por Cascudo, é

“o saldo da sabedoria oral na memória coletiva. É difícil fixar as distinções específicas porque ambas exigem a retenção memorial, atendem a experiências, têm bases universais e há um instinto de conservação para manter o patrimônio sem modificações sensíveis, uma vez assimilado”.

*(Cascudo, 1998)*

Em se tratando da Lagoa Encantada, este saldo vem revestido em diversos elementos fantásticos que ajudam a compor o imaginário popular e a formar a própria cultura local, ajudando a criar os mitos que favoreceram, ao longo dos anos, a conservação ambiental e agora ajudam a transformar aquela área, seus habitantes, o imaginário e a história oral em atração turística.

Entre as muitas lendas, estão aquelas onde as plantas aquáticas, subtraindo o reflexo dos astros, formam sombras disformes na água. Seguindo a imaginação dos nativos, o fenômeno é atribuído a espíritos e duendes, que estão ali para guardar a Lagoa da ação de destruidores.

As ilhas flutuantes - barrancos que se desprendem das margens - são transformadas em diabos, lobisomens e mulas sem cabeça. Os nativos contam que a lagoa tem o poder de sumir,



ficar invisível, tornar-se mata pura, comendo moitas de capim amazonas, galos e gado, que por vezes se fazem ouvir cantando e berrando desesperadamente. Nesses momentos, luzes fantasmagóricas aparecem nessa nova floresta. Conta Barbosa que

“no centro da lagoa há uma grande pedra, chamada de Pedra da Arigoa, onde tem uma escada escorregadia, que leva a uma cidade habitada por seres fantásticos. À meia noite, ouve-se lúgubres dobrar de sinos quando, ao som de gemidos profundos e tétricos, canoas passeiam transportando sisudos jesuítas em uníssonas orações. Há ainda irresistíveis e ciumentas sereias que surgem nas madrugadas e, com seu canto sedutor, levam os pescadores para o fundo das águas escuras, para nunca mais voltar...”  
(1982, p.11)

O que se observa através de depoimentos dos pescadores e moradores antigos da Lagoa é que o fantástico, na verdade, serviu para segurar a ação predatória deles próprios e dos visitantes. Os nativos criaram, involuntariamente, leis baseadas no imaginário e nas superstições, que terminaram por regular o comportamento local e impediram a degradação. Assim, as “*ciumentas sereias*” poderiam levar para o fundo da lagoa aqueles que se arriscassem a pescar na lua cheia, exatamente quando há maior quantidade de peixes e crustáceos. O manguezal, onde estão muitas espécies em reprodução, passou a “*engolir a Lagoa*” e a ser palco para “*galos e gado invisíveis, que cantam e magem desesperadamente em meio à madrugada*” e, por isso, não podiam ser visitados, muito menos para a pesca.

O estudo sobre a Lagoa Encantada reforça a idéia de Pignatari (1976, p.12), para quem “os homens e os grupos humanos, assim como os animais, de resto, só absorvem a informação de que sentem necessidade e/ou que lhes seja inteligível”. Confirma também o estudo de Sodré (1988, p.11), que aprofunda o debate quando diz que as sociedades históricas variam seus sistemas de comunicação e que estes são identificados pela Sociologia como sendo dois: o oral e o midiático. Segundo ele, esses sistemas têm várias diferenças, especialmente no que se refere ao conteúdo: enquanto no sistema midiático o conteúdo é descritivo, no oral é prescritivo, ou seja, dá-se através dos costumes e tradições peculiares a determinado grupo. É o que pode ser visto no presente estudo.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir da implantação da APA – e a conseqüente ação dos governos municipal e estadual na localidade, dotando-a de alguma infra-estrutura voltada para o turismo, pode-se observar certos conflitos no comportamento nativo. Isso porque o imaginário que norteou várias gerações, vem sendo substituído por informações técnicas sobre o manejo e os fenômenos naturais na Lagoa. De acordo com avaliação realizada pelo órgão gestor da APA, (1999, p. 122), a geração mais nova está começando a desmistificar sua história. Assim, a Pedra da Arigoa é um local onde há pedras de ardósia que, com o efeito do vento, emitem sons que parecem lamentos e não a morada de uma sereia temperamental. Os padres fantasmagóricos navegando em canoas ao longo da madrugada e que amedrontaram várias gerações, estão começando a ser vistos como aglomerações de aningas – ali chamadas de baronesas - que flutuam por toda a extensão da Lagoa. “A população nativa está, lentamente, aprendendo a identificar e utilizar a lógica onde antes só havia folclore e imaginação”, diz o relatório citado.

Esses exemplos apresentados funcionam como signos que vem tendo o seu significado modificado por essas informações técnicas. Bordenave coloca que as diversas formas de identificação da realidade são baseadas na conotação – capacidade de despertar um significado complementar, diferente dos significado puramente denotativo ou indicativo do signo – dada pela possibilidade de transformação da imaginação humana dos símbolos em mitos, o que também pode ser observado na localidade estudada. Bordenave argumenta que

“ o significado dos signos não está neles mas na mente das pessoas. Os signos não tem um significado único e geral. Eles deflagram com maior ou menor probabilidade um determinado tipo de significado na mente do destinatário. O significado então é algo pessoal já que sempre está influenciado pela experiência que a pessoa teve com o signo e como os objetos ou idéias por ele representados”  
(1988, p.47).

A partir desta conceituação pode-se pressupor que as gerações atuais sofrerão maior influencia na sua história oral a partir da ação dos agentes externos que ajudam a desmistificar referenciais da sua tradição. Uma das conseqüências geradas por este pressuposto é o distanciamento da identidade coletiva local das suas origens culturais e dos seus referenciais





de comportamento, que foram transmitidos durante séculos de pais para filhos, como verdade através da oralidade e que estão passando a ser questionados pelas técnicas modernas de manuseamento dos recursos locais.

O que pode ser questionado não é a mudança das técnicas, assim como não se pode defender a estagnação cultural ou social. Mas deve ser levado em conta a capacidade destas populações em manter ou não os referenciais históricos que são característicos do lugar e que, neste caso, compõem o quadro de atrativos que pode lhe garantir a sustentabilidade econômica através do turismo, além da preservação da sua própria identidade cultural. É o que pode ser ratificado por Martín-Barbero, quando diz que

“o valor do popular não reside em sua autenticidade ou em sua beleza, mas sim em sua representatividade sociocultural, em sua capacidade de materializar e de expressar o modo de viver e pensar das classes subalternas, as formas como sobrevive e as estratégias através das quais filtra, reorganizam o que vem da cultura hegemônica, e o que integram e fundem com o que vem de sua memória histórica” (1997, p.105).

Desse modo, pode-se concluir que a implantação da APA e a conseqüente intervenção no local, deva contribuir para a ruptura dos sistemas simbólicos que nortearam até então o comportamento daquelas comunidades, caso elas não consigam filtrar e reorganizar o que recebem como informação, integrando e fundindo as novas mensagens com aquelas já tradicionais, herdadas dos seus antepassados. O imaginário popular, se isso não ocorrer, pode ser desmistificado, o que significaria o início do fim de um simbolismo que fez da Lagoa um lugar singular. Uma Lagoa Encantada.

Até que ponto esta mudança pode comprometer a sobrevivência local, é um questionamento que ainda não se pode responder com segurança. Miège (2000, p.85) cita Jean Bianchi e Henri Bourgeois para assegurar que “um grupo social negocia sua recepção a partir de sua cultura própria, o que ela tem de memória social específica, de conhecimentos armazenados, de grandes expectativas, de recursos simbólicos”. É sabido que, neste caso do imaginário popular da Lagoa Encantada - com suas sereias, duendes, frades fantasmagóricos e fenômenos sobrenaturais – tem sido um alicerce que vem contribuindo para criar na população nativa, ao longo dos séculos, a postura de respeito pela natureza e seus processos, pela tradição cultural e identidade social. Na medida em que há uma ruptura nesses sistemas





simbólicos, outras rupturas podem começar a ocorrer, influenciando no potencial turístico-ambiental de toda a APA, inclusive nas suas referências mais gerais, onde o tempo e a experiência contam para elevar o respeito de uns sobre outros, equilibrando e harmonizando a vida daquelas populações.

## **BIBLIOGRAFIA**

BAHIA. Governo do Estado, Secretaria da Indústria, Comércio de Turismo/Bahiatursa. Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia. 1994;

\_\_\_\_\_. Análise sobre a APA da Lagoa Encantada. Salvador: Seplantec/ Sec da Cultura e Turismo (Prodetur), 1999;

\_\_\_\_\_. Diagnóstico do meio físico, biótico e sócio-ambiental da APA da Lagoa Encantada. Seplantec/ Sec da Cultura e Turismo (Prodetur), 1996;

BAHIA. Ministério da Agricultura. Cidades do Cacau, nº 19 – Ilhéus: Ceplac, 1981;

\_\_\_\_\_. Diagnóstico sócio-econômico da região cacauzeira: recursos florestais. Ilhéus: Ceplac, 1976.

BARBOSA, Carlos Roberto Arléo. Notícias Históricas de Ilhéus. Prefeitura Municipal de Ilhéus, 1982. 2ª Edição;

BORDENAVE, Juan E. Diaz. Além dos Meios e Mensagens. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988

CASCUDO, Câmara Luiz. Profecias Desgarradas.

CENTRO DE RECURSOS AMBIENTAIS – CRA, Cadastro das Unidades de Conservação do Estado da Bahia, Seplantec, Salvador, Bahia, 1994;

FILHO, Carlos Pereira. Histórias e Fatos de Ilhéus. Prefeitura Municipal de Ilhéus, 1981;

MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às Mediações – Comunicação, Cultura e Hegemonia. RJ: Ed.UFRJ, 1997, 360 p.

MEDITSCH, Eduardo. O Rádio na Era da Informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo. SC: Ed. UFSC, 2001, 304p.

MIÈGE, Bernard – O Pensamento Comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2000, 141 p.

NEIVA JR, Eduardo C. Um Inferno de Espelhos – comunicação, cultura e mundo natural. RJ: Rio Fundo, 1992, 183 p.



NETO, Belarmino Mariano. *Ecologia e Imaginário – memória cultural, natureza e submundialização*. Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba, 2001;

PAYER, M. Onice. *A Produção Histórica da Oralidade*. In: [http://www.geocities.com/gt\\_ad/onice1.htm](http://www.geocities.com/gt_ad/onice1.htm) . Acesso 19 de maio de 2003

PIGNATARI, Décio. *Informação. Linguagem. Comunicação*. 7ª ed., SP: Ed. Perspectiva, 1976, 143 p.

ROSÁRIO, Elson Luiz C. do. *A situação dos recursos ambientais da região sul da Bahia (monografia do 1º Curso de Desenvolvimento e Gestão Ambiental da Região Sul da Bahia)*, Ilhéus: Seplantec/CRA, 1991;

SILVA, Júlia L. de O. Albano da. *Rádio: Oralidade Mediatizada*. SP: Annablume, 1999, 116 p.

SODRÉ, Muniz. *A Comunicação do Grotesco*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988, 83 p.

VANOYE, Francis. *Usos da Linguagem – Problemas e Técnicas na produção oral e escrita – 11ª ed.* SP: Martins Fontes, 1998, 209 p.

VINHÁES, José Carlos. *São Jorge dos Ilhéus – da Capitania ao fim do século XX*. Ilhéus: Editus, 2001.